**Dr. David Turner, Matthew
Aula 10B – Mateus 24:1-31: O Discurso Escatológico I: Introdução e Profecia**

Olá novamente, aqui é David Turner, e esta é a aula 10b sobre a classe de Mateus. Esta é a primeira de duas aulas sobre Mateus 24 e 25, o Discurso do Monte das Oliveiras ou Discurso Escatológico de Nosso Senhor. Primeiramente, gostaríamos de apresentar o discurso como um todo e, em seguida, abordaremos os primeiros 31 versículos de Mateus 24 nesta aula. Na próxima aula, retomaremos Mateus 24:32 e discutiremos o restante de Mateus 24 e Mateus 25.

Há tantas questões cruciais na passagem, e estamos apenas tentando abordá-las superficialmente e conscientizá-lo sobre algumas delas, para que você possa prosseguir em seu próprio estudo e resolvê-las da maneira que lhe parecer melhor. Então, introdução ao Discurso do Monte das Oliveiras. Precisamos primeiro discutir as várias interpretações gerais que se encontram quando este discurso é estudado.

A questão crucial na interpretação do discurso diz respeito à relação entre a destruição do templo durante a Era Comum dos Setenta e o julgamento escatológico de Deus na segunda vinda de Cristo. Existem essencialmente três visões sobre essa relação entre os Setenta e a vinda escatológica de Jesus, embora haja nuances de diferença dentro de cada uma delas. De acordo com a visão preterista, a maioria ou todas as previsões do discurso se cumpriram em 70 d.C., quando os romanos destruíram o templo.

Agora, observe que, junto com o esboço da palestra na página 40 dos seus materiais suplementares, há também um gráfico na página 41, que tenta expor esses assuntos de uma forma que ajude você a compreendê-los melhor. Assim, você pode comparar o que estou dizendo com esse gráfico, estudá-lo um pouco na página 41 para ajudá-lo a acompanhar a palestra à medida que avançamos. Portanto, a visão preterista considera que tudo se cumpriu em 70 d.C., quando os romanos destruíram o templo.

No entanto, existem vários tipos de preteristas. Em vista da visão preterista parcial, 24:1-35 descreve a destruição de Jerusalém em 70 d.C., e apenas 24:36 e seguintes referem-se ao retorno escatológico de Jesus. No entanto, preteristas completos ou abrangentes tentam explicar todo o discurso como tendo se cumprido em 70 d.C.

Isso, para mim, é muito difícil. De acordo com a abordagem oposta, a visão futurista, o discurso diz respeito apenas ao retorno de Cristo à Terra. Muitos dos estudiosos dispensacionalistas, como Walvoord e Toussaint em seus comentários, e até mesmo Barbieri no Comentário do Conhecimento Bíblico, adotam essa visão.

Nessa visão, Jesus não responde realmente à primeira parte da pergunta dos discípulos em 24:3: "Quando acontecerão essas coisas?". Ou seja, quando o templo será destruído? A visão futurista basicamente diz que Jesus ignora essa questão e pensa apenas na chegada do fim dos tempos. Por várias razões, parece melhor concluir que ambas as visões acima, tanto a preterista estrita quanto a futurista estrita, são unilaterais e, portanto, inadequadas para lidar com as complexidades dessa passagem. Afinal, os discípulos perguntam não apenas sobre a destruição de Jerusalém, mas também sobre o fim do mundo.

Somente uma abordagem que trate cuidadosamente de ambas as questões parece ser aceitável. Nesse sentido, eu defenderia o que eu chamaria de uma visão preterista-futurista. De acordo com essa visão preterista-futurista, e novamente há algumas diferenças entre seus adeptos, as previsões do discurso de Jesus entrelaçam tanto a destruição histórica de Jerusalém em 70 quanto o retorno ainda futuro de Jesus.

Alguns defensores dessa visão distinguem entre partes do discurso relacionadas ao ano 70 de outras relacionadas ao fim dos tempos, e outros veem os eventos do ano 70 como um cumprimento parcial ou antecipatório do que será consumado no retorno de Cristo. Você pode consultar Blomberg, Carson, Hagner e seus vários comentários sobre Mateus para obter vários aspectos dessa visão. Envolvido nessa visão está o conceito de perspectiva profética, ou encurtamento, ou duplo cumprimento próximo e distante.

Esta é a abordagem seguida nesta palestra. O discurso escatológico de Jesus responde a ambas as partes da pergunta dos discípulos. Suas palavras sobre a queda do templo fornecem ao leitor uma imagem preliminar que antecipa, como um símbolo, o fim definitivo do mundo quando Jesus Cristo retornar, o que, obviamente, ainda está no futuro.

Agora, com apenas esses comentários gerais em mente, mantenha essas diferentes visões em mente enquanto, no futuro, examinaremos o restante deste discurso. Agora, em termos da visão geral contextual do Discurso do Monte das Oliveiras, em 24:1, Jesus deixa o templo após um longo conflito com vários grupos de líderes judeus, que começou em 21:17. Sua autoridade foi claramente demonstrada no templo em inúmeros confrontos com esses líderes. No entanto, como ele mesmo afirma em 23:38, eles não crerão nele.

A preocupação dos discípulos com a grandiosidade do templo contrasta com as palavras de julgamento de Jesus sobre Israel. Ao sair do templo, os discípulos chamam a atenção de Jesus para a arquitetura gloriosa do recinto do templo, mas Jesus fala apenas de sua demolição. A pergunta dos discípulos sobre o momento dessa demolição e, como presumiam, o retorno de Jesus em 24:1-3, conduz ao corpo do discurso.

Evidentemente, quando os discípulos fazem a pergunta sobre essas coisas, a saber, a destruição do templo e a vinda de Cristo, eles viam esses dois eventos como acontecendo ao mesmo tempo, sendo difícil para eles conceber o que hoje tomamos como certo: que houve uma destruição de Jerusalém e o futuro retorno de Jesus ainda não ter ocorrido. Para eles, os dois eventos ocorreriam ao mesmo tempo, evidentemente. O Discurso do Monte das Oliveiras de Jesus consiste, então, em uma seção inicial de natureza didática, 24 :4-31. Parece melhor ver este 24:4-14 como as primeiras dores do parto, o termo usado ali como preliminares que caracterizam todo o período entre as vindas de Jesus.

Os preteristas, é claro, pensariam que isso ocorreria apenas antes de 70 d.C., e os futuristas acham que ainda nem começou. Mas me parece que essas palavras descrevem o tipo de aflições que a igreja enfrentou ao longo de sua história. A próxima seção, 24:15-28, tem uma linguagem mais intensa e sinistra, com descrições da profanação do templo, 24:15, bem como de uma grande tribulação sem precedentes, 24:21. Parece melhor ver esta seção como uma previsão da destruição do templo em 70 d.C., que então se torna um símbolo do julgamento final que encerra o mundo atual.

A vinda de Jesus para julgar a humanidade após aquela tribulação é descrita com imagens apocalípticas padrão do Antigo Testamento em 24:29-31. Em 24:32, o tom torna-se mais paranético ou, digamos, exortação prática, à medida que a ênfase muda do "o quê" para o "e daí?". Jesus fala em imagens parabólicas a partir de 24:32 para enfatizar a urgência e o tempo desconhecido de Sua vinda, 24:32-36. Isso leva a uma ênfase no estado de alerta na referência a Noé, 24:37-44, e nas parábolas do servo prudente, 24:45-51, e das virgens prudentes e tolas, 25:1-13. A parábola dos talentos enfatiza o uso fiel do dom de Deus, 25:14-30, e a imagem do juízo final em 25:31-46 indica que Jesus ainda se preocupa com os pequeninos. Como um todo, então, o Discurso do Monte das Oliveiras deixa claro que a profecia bíblica inclui mais do que mera predição.

O conhecimento do que Deus fará no futuro, 24:1-31, deve ter um efeito profundo sobre o povo de Deus no presente, 24:32-25:46. Em outras palavras, se tivermos compreendido corretamente esta Escritura profética, evitaremos a fixação de datas e seremos caracterizados por vigilância, fidelidade, fecundidade e serviço aos irmãos mais novos de Cristo. A pergunta não evoca uma data, mas ajuda a manter a fé dos discípulos, como Davies e Allison colocaram. Agora, alguns comentários sobre a relação do Discurso do Monte das Oliveiras em Mateus com os outros Evangelhos sinóticos, Marcos e Lucas, e observe aqui o gráfico no topo da página 42 dos seus materiais suplementares.

Em qualquer solução para o problema sinótico, fica claro que a versão de Mateus deste discurso é muito mais longa do que a de Marcos e Lucas. Os três tratamentos do cenário e do início das dores de parto são muito semelhantes. Portanto, se você observar o gráfico no topo da página 42, observe que há uma grande semelhança entre o cenário número um e o início das dores de parto número dois em todos os três Evangelhos.

A versão de Mateus sobre a abominação da desolação é um pouco mais longa que a de Marcos, e a seção de Lucas sobre os exércitos ao redor de Jerusalém é muito mais curta que a de Mateus ou Marcos. Esse é o número três no gráfico da página 42, a abominação da desolação. Há algumas diferenças aí.

O tratamento dado por Mateus à vinda do Filho do Homem, que é o número quatro no gráfico da página 42, é um pouco mais longo do que o de Marcos ou Lucas. As três versões da lição da figueira, que é o número cinco no gráfico da página 42, são muito semelhantes, mas Mateus também tem material neste ponto sobre como as coisas eram nos dias de Noé. Quanto ao número seis, a necessidade de estar alerta, os tratamentos dele nos três Evangelhos sinóticos são muito diferentes, embora tenham extensão semelhante.

A principal diferença, claro, é que os números sete, oito, nove e dez, as parábolas do servo, as dez versões e os talentos, bem como a versão pitoresca do julgamento das nações, ou seja, de 2445 a 2546, não têm paralelo nos outros Evangelhos. Isso torna a versão de Mateus bastante singular. Agora, vejamos os primeiros painéis sobre o parto, nosso título para Mateus 24, 1 a 14, que interpretamos como a vida na era presente para aqueles que creem em Jesus.

Após os comentários contundentes de Jesus sobre a iminente destruição do templo em 24:2, seus discípulos lhe perguntam quando isso acontecerá em 24:3. Eles associam a destruição do templo ao retorno de Jesus no fim dos tempos, desejando, portanto, saber sobre o sinal que indicará que essas coisas estão prestes a acontecer. A pergunta deles se refere principalmente ao tempo, visto que querem saber quando, e querem saber como saber quando, discernindo o sinal preliminar. Mas Jesus não responde à pergunta deles com precisão em 24:4 a 14.

Ele de fato menciona vários assuntos, como falsos messias e profetas, guerras, fomes, terremotos, perseguições, apostasia, traição e ilegalidade. Mas todos esses fatos que ele mencionou são bastante gerais e ocorrem com tanta frequência na história da igreja que não seriam de grande ajuda se alguém pretendesse calcular com precisão quando o templo seria destruído. Jesus também adverte os discípulos contra a presunção de que a turbulência que ele menciona seja um indicador de que o fim é iminente.

Em 24:6, ele diz que todas essas coisas não significam que o fim esteja aqui. Em 24:8, ele diz que essas coisas são apenas as primeiras dores de parto, o que sugere que pode haver um período prolongado de trabalho de parto antes do fim. De acordo com 24:14, haverá tempo suficiente para que a mensagem do reino seja pregada em todo o mundo antes que o fim chegue.

Portanto, os discípulos precisam refletir não sobre a cronologia do fim dos tempos, mas sobre sua própria responsabilidade ética de perseverar no discipulado fiel e no ministério do Reino. 24:13 , aqueles que perseverarem até o fim serão salvos. Os discípulos fizeram a pergunta errada, mas Jesus, da mesma forma, deu-lhes a resposta certa.

O próprio Paulo alertou sobre o perigo de se chegar a conclusões precipitadas e falsas de que os atuais problemas da igreja devem ser identificados com o início do fim do mundo, em 2 Tessalonicenses 2:2 e 3. Mateus 24:4 a 14 deve ser visto como um resumo das dificuldades que a igreja enfrentará em seus primeiros dias, antes do ano 70, e, de fato, ao longo de sua existência até o retorno de Jesus. Os expositores frequentemente observam as semelhanças entre Mateus 24:4 a 14 e Apocalipse 6:1 e seguintes, que falam em termos da quebra de selos. Agora, dos sete livros selados, os quatro primeiros são, naturalmente, os famosos quatro cavaleiros do Apocalipse.

Se a visão aqui estiver correta, esses quatro cavaleiros também retratam eventos que tipificam a experiência atual da igreja no mundo, não os últimos dias de tribulação no fim dos tempos. Parece-me que, quando chegamos ao livro do Apocalipse, não temos realmente nada sobre eventos que sejam verdadeiramente preditivos do futuro até chegarmos ao tempo do sexto selo. Essa é apenas a minha opinião.

Este, é claro, é um curso em Mateus. Não cobraremos nada a mais por esse comentário sobre Apocalipse 6. Agora, vamos prosseguir para observar a questão da profanação do lugar santo em Mateus 24:15-28. Mateus 24:15-28 é um aviso de perseguição intensa e sem precedentes e de falsas profecias que surgirão em conexão com a profanação do templo de Jerusalém, 24:15.

Este aviso envolve instruções para fuga em 24:16-20, uma promessa de que Deus encurtará aqueles dias por causa dos seus eleitos em 24:21 e 22, e um aviso renovado contra falsos messias e falsos profetas em 24:23-28. Na visão aqui adotada, este aviso se relaciona principalmente com a destruição do templo em 70, mas há boas razões, especialmente quando se olha para 24:21 e 22, para ver este aviso como, em última análise, destinado ao povo de Deus no fim dos tempos, que enfrentará o Anticristo definitivo. Certamente, os discípulos de Jesus ao longo da história perceberam a constante relevância de seu aviso contra falsos profetas e falsos messias.

O sofrimento que os discípulos enfrentam inevitavelmente os leva a ansiar pela aparição do messias, mas eles não devem permitir que esse anseio os leve a serem enganados por pretendentes messiânicos. Apesar do espaço dado para discuti-lo, a questão mais profunda nesta seção não é a referência cronológica da profecia segundo as diversas visões preteristas e futuristas. A verdadeira questão aqui é existencial e diz respeito à necessidade de sabedoria para compreender a providência de Deus.

De alguma forma , é preciso conciliar o fato de Deus permitir que seus eleitos sofram com a Sua preocupação de que o sofrimento deles não resulte em ruína espiritual. O sofrimento, segundo Jesus, é um modo de vida para seus discípulos durante todo o período entre suas vindas. Observe passagens como Mateus 5:10, 10:16 e seguintes, João 16:33, Atos 14:22, 2 Timóteo 3:12. Evidentemente, esse sofrimento se intensificará à medida que a era chegar ao fim.

Mas Deus, em prol dos eleitos, de alguma forma sabiamente permitirá que esse sofrimento atinja seus próprios objetivos, em vez dos dos perseguidores. Observe Atos 4:27 e 28 e Romanos 8:28-39. Embora os discípulos de Jesus possam nunca compreender plenamente por que seu sofrimento é necessário, eles podem ter a certeza, pelo exemplo do próprio Jesus, de que Deus os capacitará a suportá-lo e, no final, reinar vitoriosamente com Jesus. Mateus 4:1-11, 10:24-33, 1 Coríntios 10:14, 2 Pedro 2:9, Apocalipse 2:26-28, 3:21-22 e 17:17. Agora, pensemos na teologia da questão da profanação do lugar santo, a abominação da desolação.

A referência de Jesus a essa profanação sacrílega do templo em 24:15 evoca uma tipologia complexa de profecia e cumprimento, abrangendo desde Nabucodonosor, na Bíblia Hebraica, até o Anticristo escatológico definitivo. Vários eventos históricos compõem uma espécie de continuum de cumprimento dessa profecia, incluindo a primeira conquista de Nabucodonosor em 605 a.C., mencionada em Daniel 1:1 e 2, Daniel 5:1-4 e 5:22-23. Um segundo evento seria o ultrajante sacrilégio contra o templo cometido pelo governante selêucida Antíoco IV, geralmente conhecido como Epifânio, que levou à revolta dos Hasmoneus durante o período intertestamentário, em 167 a.C. Um terceiro evento histórico que se encaixa nessa questão de abominações que desolam o templo seria a conquista romana do reino hasmoneu em 63 a.C., quando a dinastia hasmoneu chegou ao fim para todos os efeitos práticos e os romanos começaram seu período de domínio sobre os judeus na Palestina.

Outro evento que se encaixa nesse continuum seria o plano do desequilibrado imperador Calígula de erigir seu busto no templo, um busto de sua cabeça. Ele planejou isso, mas não conseguiu antes de morrer, e isso ocorreu por volta de 40-41 da Era Comum. Mais um sacrilégio no templo foi cometido pelos próprios judeus, da mesma forma que os zelotes usaram indevidamente os recintos do templo antes da destruição da cidade pelos romanos em 70 d.C.

Isso transformou o templo em um local de guerra e foi tão desolador, na verdade, para a santidade do local quanto essas perseguições pelos gentios. No entanto, uma sexta profanação do templo foi de fato a destruição romana do templo em 70, e houve uma nova desolação do templo pelos romanos em 135 d.C. da Era Comum, devido à revolta de Bar Kokhba. E, claro, se nossa compreensão da profecia bíblica estiver correta, ainda há um futuro sacrilégio final do Anticristo contra o templo.

Portanto, se tudo isso estiver correto, há oito eventos no total, e talvez até mais, em que houve uma profanação do templo sagrado por seus inimigos. O que Jesus estava falando naquele momento faz parte de uma tipologia complexa de cumprimento , como mencionei anteriormente. À luz disso, não há justificativa para supor que a profanação mencionada em 24:15, que ecoa Daniel, seja uma previsão limitada que se cumprirá unicamente pela destruição de Jerusalém nos últimos 70 anos ou pelo futuro Anticristo.

Em vez disso, há boas razões para crer que as diversas desolações históricas de Jerusalém e de seu templo proporcionam cumprimentos antecipados que conduzem à desolação final no fim dos tempos. Se alguém objetar que esse cenário envolve uma reconstrução futura implausível do templo, tal reconstrução foi de fato prevista em antigas fontes judaicas e cristãs. Agora, a seção final que desejamos examinar nesta palestra é a vinda do Filho do Homem em Mateus 24, versículos 29-31.

Em primeiro lugar, as alusões ao Antigo Testamento. Observe também que, enquanto falamos delas, o quadro na parte inferior da página 42 dos seus materiais suplementares apresenta as alusões mais importantes ao Antigo Testamento em Mateus 24:29-31. Mateus 24:29-31 está repleto de imagens extraídas do Antigo Testamento.

O gráfico abaixo apresenta algumas das citações e alusões significativas. Embora várias passagens do Antigo Testamento sejam claramente mencionadas aqui, parece claro que Daniel 7 é o texto crucial. Nesta passagem, Deus é retratado como um juiz terrível, o Ancião de Dias, Daniel 7, versículo 9, que profere sentença em favor do Filho do Homem, dando domínio universal a ele e ao seu povo, Daniel 7:14, 22 e 27.

Tudo isso se insere no contexto da reversão, na qual o inimigo escatológico de Deus e de Israel, o chifre pequeno, assim chamado em Daniel 7:8, Daniel 7:20, 24, 25, é julgado e derrotado. Assim como em Daniel, capítulo 7, também em Mateus 24, a vinda do Filho do Homem encerra a perseguição e o sofrimento dos santos de Deus e inicia seu glorioso governo com Jesus. Como se pode ver no gráfico da página 42, muitos outros textos do Antigo Testamento estão envolvidos nas imagens do escurecimento do sol e da lua, da queda das estrelas, dos vários sinais cósmicos. A vinda do Filho do Homem nas nuvens parece remontar diretamente a Daniel 7, versículos 13 e 14, ao luto das tribos terrestres, Zacarias 12, ao soar da trombeta, Isaías 27, à reunião dos eleitos, etc.

Todas essas noções têm antecedentes no Antigo Testamento. Não temos tempo para nos aprofundar nelas. Agora, a título de explicação, vamos ao que se passa em Mateus 24:29 a 31.

Esta passagem descreve os sinais celestiais culminantes que precedem imediatamente a vinda de Jesus, depois a própria vinda gloriosa e o propósito dessa vinda: reunir os eleitos de Deus para a sua recompensa. Assim, a vinda de Jesus equivale a uma inversão do curso normal que caracterizou o período entre as duas vindas de Jesus. Durante esse período entre as vindas, os discípulos lamentaram as muitas perseguições sofridas.

Compare 9:15 . Mas agora são os seus perseguidores que estarão de luto, 13:41 e 42, enquanto os discípulos experimentam a alegre recompensa do seu mestre, 25:21 e 23. O motivo da inversão, então, parece ser crucial nesta passagem.

Agora, no que diz respeito ao ponto teológico da passagem, a vinda gloriosa de Jesus foi mencionada várias vezes em Mateus. Há muitas passagens aqui; deixe-me listá-las para você ver se se lembra delas. 10:23, 16:27 e 28:23, 39, vários versículos no capítulo 24, como os versículos 3, 27, 37, 39, 42, 44, 46, 48 e 50, bem como várias passagens no capítulo 25, que seriam os versículos 6, 13, 19 e 31.

E para não nos contentarmos com isso, gostaríamos também de acrescentar aqui 26:64. Portanto, a vinda gloriosa de Jesus é uma noção que permeia a visão de Mateus sobre o futuro. De todos os lugares onde é mencionada, no entanto, é provavelmente colocada mais claramente aqui em seu contexto escatológico.

Embora a data dessa vinda seja desconhecida, os discípulos de Jesus não devem presumir que ela esteja em um futuro distante. Em vez disso, devem aguardar com atenção o retorno de Jesus e servi-lo fielmente até aquele dia. A vinda de Jesus ocorre após a tribulação daqueles dias, em 24 e 29, o que pode causar alguma hesitação aos defensores da teoria do arrebatamento pré-tribulacional.

A vinda reverte a rotina habitual, resultando em luto entre todas as nações que fizeram os discípulos lamentarem, mas alegria entre todos os discípulos que antes estavam de luto. Observe outro lugar onde a inversão ocorre assim, em 2 Tessalonicenses 1, versículos 6 a 10. Nesse momento, o reino dos céus virá à Terra de forma mais plena, como Jesus nos ensinou a orar em Mateus 6:9 e 10, bem como em 25:34.

Todas as nações serão julgadas, e os discípulos de Jesus serão recompensados. É aqui que se cumprirão todas as promessas das Bem-Aventuranças em 5, 4 a 9, também 13, 40 a 43, 16, 27 e 28, 19, 27 a 30, e 25, 46. Tudo isso é verdade se Mateus 24:29 a 31 for compreendido de forma futurista, mas um cenário muito diferente é apresentado pela interpretação preterista de 24:29 a 31.

Os preteristas interpretam esses versículos como se referindo simbolicamente ao significado teológico da destruição do templo. Veja os comentários de France e Tasker sobre Mateus para isso. A vinda de Jesus não é vista como sua vinda à Terra, mas como sua vinda ao céu para ser exaltado após sua ressurreição.

O significado dessa exaltação é manifestado no julgamento sobre Israel, demonstrado pela destruição do templo pelos romanos em 70. A tribulação ou angústia mencionada nesta passagem, portanto, é entendida como as condições horríveis vivenciadas pelos zelotes em Jerusalém durante os dias que antecederam o ataque romano. As perturbações celestiais são interpretadas simbolicamente como cumpridas por fenômenos observados durante aqueles dias.

Josefo se refere a estranhos sinais no céu durante o cerco romano a Jerusalém. O envio de anjos para reunir os eleitos é visto como a missão da igreja de discipular todas as nações. Portanto, entende-se que isso nada mais é do que o que é mencionado em 24:14 e 28:19.

Os preteristas são motivados por sua compreensão de 24:34, que consideram como a promessa de Jesus de que tudo o que ele disse se cumprirá durante a vida de seus contemporâneos. Como ele não retornou literalmente durante a vida deles, busca-se uma solução diferente, e toda a passagem é vista como uma predição de 70, a destruição do templo, que, é claro, ocorreu durante a vida dos contemporâneos de Jesus. Dificuldades adicionais com o preterismo se devem à sua truncagem do programa escatológico de Cristo, que é trazer o reino dos céus à Terra.

Visto que esse programa é visto pelos preteristas como já cumprido, somos tentados a perguntar: será que é só isso? Parece muito duvidoso que a linguagem global de Mateus 24, por exemplo, em Mateus 24, versículo 3, onde se fala do fim dos tempos, também a linguagem global no versículo 7 sobre nação se levantando contra nação, reino contra reino em vários lugares, também o versículo 14 onde o evangelho vai para o mundo inteiro, também os versículos 21 e 22 sobre tribulação sem paralelo, que nunca ocorreu antes nem ocorrerá novamente, também o versículo 27 onde se tem a vinda clara do Filho do Homem tão clara quanto um relâmpago no céu, todo esse tipo de linguagem parece ser satisfatoriamente explicado apenas por algo ainda futuro, não por um evento local que ocorreu em 70 d.C. em Jerusalém, por mais significativo que tenha sido esse evento.